

MUNDARÉU  
UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Episódio 3

Pessoas cis podem fazer pesquisa com pessoas trans  
09/12/2019

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

ABERTURA

Música de abertura do Programa: “Quem canta” de Tatá & Danú, apenas o trecho instrumental, clima alegre. A música fica, como pano de fundo no início do Bloco de Abertura.

**Soraya:** Olá! Esse é o Mundaréu, um podcast de Antropologia. E eu sou a Soraya Fleischer, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

**Daniela:** Eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o LABJOR da Unicamp. “Pessoas cis podem fazer pesquisa com pessoas trans?” é o nome desse terceiro episódio do Mundaréu. Nessa primeira temporada, vamos continuar recebendo uma dupla, uma antropóloga e seu interlocutor. Hoje, teremos Marcel Bauab, um homem trans aqui de Campinas, e Érica Souza, antropóloga e professora da UFMG.

**Soraya:** O que significa “cis” e “trans”? [Aqui, fade out e fim da música] Como acontece um processo de transição de gênero e quais podem ser os seus dilemas? São muitos os desafios para quem faz pesquisa com as pessoas trans, e pensa a transexualidade. Como realizar uma pesquisa na Antropologia com esse tema? E como Marcel e Érica se conheceram? Bom, são muitas perguntas. Então, vamos lá.

BLOCO 1: O processo de transição de Marcel, incômodos, buscas, des/encontros

Música de abertura do Bloco 1: “Flutua” de Johnny Hooker com participação especial de Liniker. [Música começa e permanece por 26 segundos ao fundo da primeira fala de Marcel.]

“O que vão dizer de nós?  
Seus pais, Deus e coisas tais  
Quando ouvirem rumores do nosso amor  
Baby eu já cansei de me esconder

Entre olhares, sussurros com você  
Somos dois homens e nada mais”.

**Marcel:** É... eu tenho 32 anos, e assim, a minha identidade de gênero na verdade sempre foi uma coisa que no fundo eu sabia, eu sabia que pelo menos tinha alguma coisa de errado comigo, tinha alguma coisa estranha, [Aqui, fade out e fim da música] alguma coisa que não tava batendo ali, né, tipo desde a infância assim, bem novinho mesmo, é... tinha um incômodo ali, tinha alguma coisa que eu sabia que não tava adequada. Minha adolescência foi muito difícil, para todas as pessoas trans, a adolescência acho que, assim, é a fase mais difícil da vida, quando vem a puberdade né, tipo as mudanças no corpo que, né, o corpo começa a parece que sabotar a gente né, a falar contra a gente, tudo que a gente não quer vai acontecendo, vai aparecendo ali. Eu vi uma vez assim alguma coisa no Fantástico, um pouco antes disso, acho que na adolescência, mas era um recorte muito, é... muito colocando como *freak show* né, como uma coisa, acho que era uma matéria falando do Buck Angel, que é um ator pornô transexual americano né, que é um dos mais conhecidos assim, mais velhos também que o pessoal conhece. E foi uma matéria com ele assim, só que era um recorte muito desrespeitoso né, digamos assim. Então não foi uma referência muito válida. Mas assim, a primeira referência que eu tive, foi, acho que depois dos 20, foi João Nery, teve acho que algumas pessoas que eu vi no Youtube, acompanhei no Youtube também. E a partir desse momento eu tive a certeza de que era o meu caso. Eu sabia que... que eu ia ter que lidar com isso algum dia mais cedo ou mais tarde, eu não queria muito pensar nisso no momento, na hora que isso veio, porque, é... exatamente por esse motivo né, de que assim, eu não tinha muitas referências reais, assim, tipo, eu não conhecia ninguém assim pessoalmente, que tivesse passado por isso, é..., não é um assunto tratado na escola, tipo, a família não tinha referência nenhuma, eu não sabia como é que ia ser a aceitação da família, dos amigos. Então assim, eu sabia que era um abacaxi que eu ia ter que descascar um dia, só não sabia quando né, então fui levando enquanto eu aguentasse, [Aqui, música “Flutua” volta a tocar ao fundo] e obviamente que isso foi piorando com o tempo né, isso começou a gritar dentro de mim, começou a ficar mais difícil, cada vez mais.

**Soraya:** Teve algo ou alguém que te ajudou a “descascar esse abacaxi”?

**Marcel:** Bom teve... teve acho que dois momentos chaves assim, que primeiro foi quando a minha irmã me emprestou o livro do João Nery, o livro *Viagem solitária*, que ele conta a história da vida dele, a transição dele. Mas assim, ainda, ainda não era uma coisa que realmente me levasse a tomar a decisão porque o João, ele tem uma vida muito difícil né, ele passou por muita dificuldade, até porque, acho que ele foi a primeira pessoa realmente assumidamente transexual no Brasil, é... homem né, homem trans no Brasil, então ele enfrentou muita dificuldade assim em todos os âmbitos da vida dele, [Aqui, fade out e fim da música] né, pra conseguir hormonização, cirurgias, trabalho, tudo, documentação, foi uma vida muito sofrida né, muito difícil. Então... é... apesar de eu saber que as coisas já tinham mudado, que já era uma coisa mais fácil né, não foi uma referência que, que tenha me feito tomar a decisão imediatamente, mas lendo a história dele eu me identifiquei com muitas coisas e eu sabia que meu caso era semelhante né. Mas assim, o momento que eu realmente tomei a decisão foi, é... foi quando a minha tia morreu, que foi aqueles momentos que a gente meio que toma um tapa na cara assim, como se a vida tivesse falando sabe, [Aqui, a música “Flutua” volta a tocar ao fundo] a vida é muito curta pra você não ser você mesmo sabe, pra você não fazer as coisas que você acha que você tem que fazer, pra você não viver a sua verdade. Então, foi... foi o momento que, que eu senti que eu precisava correr atrás e tomar coragem e fazer a transição.

O volume da música vai aumentando gradualmente até atingir seu ápice no final dessa última fala do Marcel e permanece no início da fala de Daniela. Vem com o seguinte trecho de letra:

“E flutua, flutua.  
Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar”.

**Daniela:** “Transição”, como vocês nossas ouvintes já devem ter percebido, é uma palavra central aqui, nessa história. Marcel, pra você isso foi um processo bem gradual, né? De buscar entender o que você sentia, de buscar referências, [Aqui, fade out e fim da música] e finalmente de colocar em prática uma transformação radical na sua vida... como foi isso?

**Marcel:** O momento que a gente decide transacionar é muito complicado porque surgem muitas dúvidas né, a gente fica relutante em alguns momentos, fala, será que realmente vai valer a pena sabe, será que é a decisão certa que eu tô tomando, porque assim, é uma coisa que tá muito escuro ainda, tá muito... tá muito nebuloso, a gente não sabe o que esperar, a gente não sabe como que vai ser nossa vida dali pra frente, se as pessoas vão respeitar, se não vão, se a transição vai ser bem sucedida, se não vai, se a gente vai ter problemas, né, então, até porque existem muitos mitos né, em relação a hormonização, tudo, então a gente fica muito inseguro.

**Daniela:** E como você fez, pra lidar com essa insegurança?

**Marcel:** Foi nesse momento que eu justamente procurei... procurei ajuda né, procurei terapia, procurei uma psicóloga que, inclusive tive muita sorte de encontrar a doutora Bárbara, que era a pessoa que atendia no Centro de Referência LGBT de Campinas, atendia gratuitamente as pessoas, pessoas LGBT, pessoalmente pessoas transgênero né, transexuais que tavam assim é... em qualquer etapa da transição né, basicamente. Desde as pessoas que estavam ainda na dúvida sobre sua identidade de gênero quanto as pessoas que já... já estavam inclusive se hormonizando e tal. E aí eu comecei a frequentar né, o consultório dela, comecei a frequentar o Centro de Referência LGBT, e aí fui ter, fui ficando cada vez mais confiante, fui tendo mais... mais certeza. Frequentar o Centro de Referência foi muito importante nesse sentido né, pra ter contato com outras pessoas que estavam na mesma situação que eu, poder conversar, poder assim, fazer amizades, poder trocar experiências né, ouvir a experiência das pessoas. E foi isso, aí nesse momento né, já procurei também endocrinologista para começar o meu processo de hormonização. E o resto é história, e hoje estou aqui né, cinco anos depois de ter iniciado esse processo, e é isso, basicamente.

**Soraya:** É muito bacana você se lembrar e também compartilhar aqui com a gente essas dúvidas todas. Ajuda a deixar mais claro como transicionar não é um processo fácil, como envolve um conjunto de decisões e etapas com muitas emoções. Confiar nos profissionais levou um tempo, né? Como foi a busca por um endocrinologista.

**Marcel:** Isso é uma questão... é uma questão complicada, acredito que pra uma grande maioria das pessoas trans, que é a questão do serviço de saúde né, assim, principalmente para pessoas em começo de transição ou pré-transição, é... assim, por motivos óbvios, a princípio seu documento tá lá com seu nome de registro, e a partir desse momento que você vai marcar a consulta você já tem que explicar a situação, muitas vezes a pessoa não entende né, a pessoa que te atende ali ela não tem conhecimento da questão, ela pode não entender, então já começa aí as dificuldades e tal.

**Soraya:** E depois você encontrou um médico, um consultório que te atendesse?

**Marcel:** Eu peguei de uma lista que consta na internet de profissionais de várias áreas né, de saúde, psiquiatra, psicólogo, endocrinologista, cirurgião, etc. que atendem pessoas trans do Brasil inteiro. Então, tem lá dividido por estado, cidade e tal. E como não tinha encontrado nessa lista nenhum profissional aqui em Campinas de endocrinologia, eu achei um em São Paulo e falei: “Ah, vou até lá, né, pra pelo menos, se rolar, melhor que nada.” Aí, bom, fui pra São Paulo né, peguei metrô, cheguei lá no consultório, era perto da Avenida Paulista, alguma travessa da avenida paulista, tava bem inseguro né, obviamente.

**Soraya:** E nesse consultório, o que você encontrou lá? Como é que ele era?

**Marcel:** Geralmente quando a gente, quando a gente vai num consultório de uma pessoa que atende ou que tenha alguma experiência com pessoas trans, com diversidade, a gente já vê alguns sinais assim

no consultório né? Às vezes, alguma coisa na decoração ali, algum indicativo de que respeita a diversidade, então eu não vi nenhuma dessas coisas, mas achei que beleza. Aí tá, passei ali na recepção e tal, falei que tinha marcado consulta, acho que nesse momento eu não falei nada sobre nome social, só apresentei meu documento ali e deixei quieto, deixei pra falar disso né, na consulta em si. E na hora que me chamou, entrei lá no consultório, era um senhor idoso, acho que devia ter mais de 70 anos, é... eu me apresentei como Marcel, falei que era transgênero e que eu queria iniciar o processo de hormonização. Ele assim, me tratou assim de um jeito meio... meio que me desprezando, é... olhou ali minha ficha e tal, quando eu falei Marcel assim ele meio que, acho que, não sei se ele escreveu, ele escreveu alguma coisa lá, mas ele continuou me tratando no feminino, inclusive tratando pelo nome de registro. Então, ou seja, ele não deu importância nenhuma pro que falei e aí ele veio com uns papos de que ele não podia me atender, ele não podia atender meu caso porque uma portaria ali do Conselho de Endocrinologia impedia ele de fazer hormonização de pessoas trans, porque senão ele poderia ter o CRM dele cassado. E, enfim, ele ficou ali inventando qualquer bobagem que fosse pra não me atender. E aí na hora eu já saquei que ele realmente não era uma pessoa que respeitava, que fosse, né, atender meu caso com respeito, com dignidade e tal. Então eu também já nem quis mais né, ser atendido por aquela pessoa, o que eu fiz foi, falei: "Então, tá bom", levantei, fui embora. Fiquei meio puto né, mas, pode falar palavrão aqui? [risos] Aí eu só levantei e fui embora né, frustrado né, obviamente.

**Daniela:** Puxa, que situação... Você já tinha procurado uma lista de profissionais supostamente sensíveis ao tema, mas acabou sendo ali, profundamente desrespeitado. Parece que existe uma dificuldade grande, né, tanto para os médicos entenderem e tratarem essas questões da transição, quanto para as pessoas trans encontrarem uma acolhida profissional mais sensível.

**Marcel:** Muitas vezes é uma loteria você encontrar um profissional que te respeite, que entenda né, a questão da transexualidade, da pessoa transgênero, e que aceite né, te atender. Porque acho que é um pouco difícil essa questão principalmente para profissionais que não estão acostumados a lidar com pessoas trans né, a atender pessoas trans. Quando eles veem uma pessoa trans que ainda não passou pelo processo de hormonização, que ainda não apresenta as mudanças né, que ainda não está de acordo com seu gênero, com sua identidade de gênero fisicamente, acho que talvez por uma questão de preconceito, por uma falta de contato, elas não conseguem enxergar isso né, elas veem o que tá ali na frente delas, por exemplo, se elas veem uma mulher trans que ainda não está fisicamente transacionada, elas vão ver um homem ali; se elas verem um homem trans que ainda não passou pelo processo de hormonização, elas veem uma mulher. Então, é... a gente sente bastante relutância da parte deles né, aí tipo vai muito do caráter da pessoa, da ética né, dela falar: "não, eu vou ajudar essa pessoa tal" muitas vezes eles preferem não, acham até que vão estar se arriscando ali né, eles acham que sei lá, vai que a pessoa se arrepende, não sei o que, se vai uma pessoa lá que já tá hormonizada, se essa pessoa já fez uma hormonização por conta própria ali, parece que eles compram a ideia mais fácil, né, parece que eles se sentem menos responsáveis de alguma forma, então.

**Soraya:** Que é uma certa contradição né, porque parece que eles estão incentivando né, o uso leigo de hormônio, uma auto medicação, que sempre nos criticam tanto, interessante isso.

**Érica:** E eu acho que é um pouco o que pauta o discurso médico e o senso comum de forma equivocada que é achar que a hormonioterapia é o começo da transição, por isso essa resistência muitas vezes dos profissionais da saúde, da responsabilidade, falar assim: "Aí não, né, vou ser responsável por ele começar a transição". Quando de fato você se vê, se identifica como homem independentemente de você já tá fazendo o uso do hormônio, já ter barba ou já ter, enfim né, traços aí.

**Marcel:** Sim, exatamente, pra quem vê de fora uma pessoa trans, a partir do momento que ela se assume trans, mesmo se ela não tiver começado a hormonização e tal, aquilo é uma coisa nova pra ela né, aquilo é uma coisa que na cabeça daquela pessoa que tá vendo de fora aquilo foi uma decisão recente, aquilo é uma coisa que: "Ah, até pouco tempo atrás era isso agora é aquilo". Mas pra essa pessoa trans, aquilo tá na cabeça dela há muito tempo, às vezes na vida inteira né, aquilo tá lá, pra ela

aquilo é uma realidade aquilo há muito tempo, então por isso que é muito complicado a gente querer validar ou não a transição de alguém né, é muito individual, é muito pessoal, né, uma coisa muito pessoal.

Trecho da música “Flutua”. Letra:

“Um novo tempo há de vencer  
Pra que a gente possa florescer  
E, baby, amar, amar sem temer  
Eles não vão vencer  
Baby nada há de ser em vão  
Antes dessa noite acabar  
Baby, escute, é a nossa canção  
E flutua, flutua  
Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar  
E flutua, flutua”.

## MIOLO

**Daniela:** A gente optou por começar esse episódio com a experiência do Marcel. O depoimento dele é muito forte e acho que ajuda a entender um pouco melhor o que são os “processos de transição” e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas trans.

**Soraya:** Marcel contou pra gente que tudo isso começou com a conscientização dele sobre os incômodos com seu sexo biológico e a sua identidade de gênero, que vinham desde quando ele era criança, e que se intensificaram também na adolescência. E nesse caminho da transição a família, a mídia, os consultórios médicos e os movimentos sociais **[ênfase]** todos foram atores importantes, para bem e para o mal.

**Daniela:** O programa no Fantástico serviu como um anti-exemplo, porque tratou do tema de uma forma muito desrespeitosa. Depois, o livro do João Nery veio como uma referência importante pra ele conhecer essa experiência de transição de um ponto de vista autobiográfico. E ele encontrou também relatos de pessoas trans no Youtube e em reuniões do Centro de Referência de Campinas. Ainda assim, mesmo vivendo esse processo décadas depois do João Nery, Marcel ainda encontrou muito preconceito e despreparo nos serviços de saúde aos quais ele recorreu.

**Soraya:** Nossa eu achei super violenta a cena do consultório: o médico insistindo em usar o nome feminino que tava no RG dele, apesar de o Marcel ter se apresentado com o nome masculino e ter feito uma referência explícita à sua transsexualidade. Marcel, inclusive, sentiu que o médico o desprezou, literalmente. Imagina que dolorido uma relação terapêutica acontecer assim! Ao mesmo tempo, achei muito bonito como a irmã e a tia dele apareceram nessa trajetória. A irmã o presenteou com um livro inspirador; a tia, ao falecer, comunicou a importância do tempo, de viver a vida com intensidade, e respeitando a verdade do Marcel, a verdade de quem você é, dos seus desejos, das suas vontades.

**Daniela:** Acho que é muito interessante também pensar as relações entre transição e hormonização. A transição do Marcel começou muito antes dele tomar hormônios, muito antes dele conseguir ver e sentir as mudanças concretamente no seu corpo. A transição é ao mesmo tempo um processo de subjetivação, de construção de uma auto percepção diferente sobre si mesmo, que não passa só pelo corpo. Mas passa **[ênfase]** também pelo corpo. Foi pro Marcel um processo de se reconhecer e de se encontrar como “homem”, e depois ir construindo esse corpo de homem com a ajuda da hormonização.

**Soraya:** E como será que foi, pra Érica? Como foi pra ela fazer pesquisa com esse tema? Quais são os desafios éticos, políticos e também metodológicos, por exemplo? A Érica, que vocês ouviram falar um pouco no finalzinho desse primeiro bloco, trabalha no Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais, mas se formou antropóloga aqui na Unicamp, aqui em Campinas, que é a sua terra natal. Foi aqui também que ela encontrou Marcel pela primeira vez, ao fazer sua pesquisa no Centro de Referência LGBT de Campinas.

## **BLOCO 2: Como uma antropóloga cis faz pesquisa com pessoas trans?**

Música de abertura do Bloco 2: “Dwarf Star” de Freedom Trail Studio. Instrumental, estilo soul.

**Daniela:** Erica, descreve pra gente como é o Centro de Referência? O que acontece num espaço como esse?

**Érica:** O centro de referência ficava numa casinha, numa casa muito simpática né, perto do centro de Campinas, eu não sei exatamente ali o bairro, perto da Avenida Barão de Itapura e havia um lanche também né, no final de cada encontro. Então, uma vez por mês, a Bárbara comunicava todo mundo, chamava todo mundo, é... sentávamos em círculo né, e ali ela sempre puxava algum assunto, iniciava né, dava algum pontapé inicial na reunião. Mas, todo mundo tinha a oportunidade de falar, de opinar, de expor, e ninguém era obrigado a fazer isso né. É, mas era um espaço bastante acolhedor, digamos assim, em que as pessoas poderiam, de acordo com seus interesses, no momento em que estavam com as suas necessidades, se expor né, expor suas angústias, suas dúvidas, ou mesmo compartilhar também, coisas boas né, aprendizados, experiências.

**Daniela:** E como funcionou esse local para a sua pesquisa?

**Érica:** Em Campinas, o Centro de Referência foi a porta de entrada mesmo da pesquisa, e nesse contexto eu também tive a oportunidade de conhecer a Bárbara, que o Marcel já mencionou, que é a psicóloga do centro de referências, era naquele momento, e ela teve uma receptividade muito grande em relação a mim, em relação à pesquisa, porque ela fazia esses atendimentos como o do Marcel, individuais, pelo Centro de Referência, mas também promovia reuniões mensais com pessoas trans que estavam em diferentes momentos da transição, né, mulheres trans e homens trans juntos, o que eu já achei que era uma proposta bem interessante né, porque não separava, como eu vi em outros locais, e pessoas que estavam em diferentes fases né, e... e eu acho que isso ajudava demais uma pessoa né, de aprender com a outra né, ou mesmo aprender com a diferença né, porque os processos também não são iguais para cada um. Então...

**Marcel:** U-hum.

**Soraya:** Érica, você não é uma pessoa trans. Você foi classificada como mulher quando nasceu e segue se identificando como uma mulher até hoje. Isso faz de você uma pessoa cis. Uma pessoa cis pode fazer pesquisa com uma pessoa trans? Você acabou de falar para gente em “receptividade”. Por que essa foi uma condição importante para você fazer Antropologia sobre o tema da transexualidade ali no Centro de Referência?

**Érica:** A Bárbara toda reunião ela tinha todo esse cuidado de retomar, “Ó, a Érica tá aqui, lembram? Ela faz a pesquisa tal”. Então isso já ajudava muito. Eu estava ali como uma pessoa cis, né, me propondo a pesquisar sobre pessoas trans. Então, isso já gera de início uma apreensão, digamos, inclusive da minha parte, né, e dos bolsistas e dos outros pesquisadores, porque a gente sabia que já tava partindo desse lugar, esse lugar que não é um lugar tranquilo, não é um lugar cômodo né. Então, a gente tentava sempre ir com muito cuidado nesses espaços, é.. e essa discussão ela tava muito forte

naquele momento, né, era uma discussão relativamente nova, pessoas cis pesquisando pessoas trans, pessoas brancas pesquisando negritude, enfim né. O que eu tô querendo dizer é que a gente não tinha muita experiência com esse tema, com essas dificuldades de pesquisa que até então a antropologia né, não tava muito acostumada a lidar, pelo contrário né, a antropologia sempre estudou o outro, o diferente de mim, então ali era um lugar de conforto, né. A partir do momento que a gente fala assim, não, o outro diferente de mim não necessariamente quer ser pesquisado por mim, e agora o que eu faço, eu não faço mais pesquisa? Ou eu mudo a minha forma de fazer pesquisa ou eu reviso metodologicamente e eticamente como fazer essa pesquisa. Então, era, enfim, uma temática, um desafio bastante novo para nós né, que afetou na verdade boa parte do grupo, dos pesquisadores que se repensaram em vários níveis, no nível subjetivo né, algumas pessoas do grupo, outras no nível profissional como pesquisador mesmo do ponto de vista ético, até onde eu posso ir, até não, eu tive bolsista que decidiu [ênfase] nunca mais pesquisar questões de gênero e sexualidade depois a pesquisa, dado as dificuldades encontradas, então, acho que levantou pra nós várias questões éticas e metodológicas, enfim, que a gente não tava visualizando de início.

**Daniela:** E você comentou que o Centro de Referência de Campinas foi muito receptivo para você e muito acolhedor justamente nesse sentido né, de não impedir o acesso de uma pesquisadora cis prum grupo de pessoas trans.

**Érica:** Sim, é, bom, a receptividade como eu falei antes da Bárbara foi crucial, né, e eu acho que isso facilitou, foi o facilitador mesmo das nossas relações ali, das minhas relações com o grupo, mas ainda assim era uma relação muito tímida né, digamos assim, pensando naquele contexto, eu ali como pessoa cis, e por mais que Bárbara tentasse explicar o meu lugar ali nem sempre era tão tranquilo e tão claro. E aí nessas reuniões eu ficava muito mais observando eu acho, do que fazendo intervenções né. Então, isso me possibilitava perceber ali os movimentos, os fluxos, quem era mais constante, quem era menos constante, quem ia sozinho, quem ia com companheira. E o Marcel apareceu com a mãe, né, então isso já foi um diferencial que me chamou atenção. E o Marcel também sempre foi muito tímido né, pelo menos foi a minha impressão desde o começo. Então, é... e quando fazia intervenções, intervenções muito né, pontuais e cautelosas e numa forma bastante doce, eu caracterizei assim, de colocar as coisas né. Então, foi uma das pessoas que eu senti que poderia talvez me aproximar pra tentar conversar fora daquele espaço, e a questão da mãe do Marcel me chamou atenção justamente porque a maioria dos pais não acompanham ali, né. Então, essa mãe também tem algo a me dizer, né, pra pesquisa. E aí eu tentei então, né, conversar e articular essa entrevista com o Marcel e se fosse possível com alguns membros da família dele fora dali.

**Marcel:** Eu senti que a Érica era uma pessoa assim: chegou lá com bastante humildade, ela chegou assim, como ela mesmo disse, com cautela sabe. Ela mais ouvia do que falava, então a gente, assim, eu senti que era uma pessoa aliada, uma pessoa que tava lá assim pra realmente com o intuito de observar assim, mas de aprender mesmo né, naquele espaço. E assim, eu sempre achei muito válido e muito importante ter pessoas da pesquisa, da pesquisa acadêmica ali, como uma forma de ajudar mesmo né, disso trazer discussões, disso trazer mudanças positivas né, tanto na política, quanto nas políticas públicas, enfim. Eu sempre achei importante a presença dessas pessoas pesquisadoras lá naquele meio né, porque a gente ficar assim só entre a gente né, só pessoas trans ali falando entre elas, acho que é importante levar essa questão pra fora né daquele espaço. Então eu gostei muito de perceber a presença da Érica lá, gostei muito, assim, a gente conversando depois, achei ela uma pessoa muito simpática, muito doce também, assim muito, é... que queria estar ali né, tinha interesse em pesquisar aquele assunto né, e foi isso assim, eu achei que, senti confiança na Érica.

**Soraya:** Eu gostaria de reforçar essa última ideia do Marcel. Por que você acha que confiança é um ingrediente importante na relação de pesquisa, na relação com uma antropóloga em campo?

**Marcel:** Eu tava num momento da minha transição, que era um começo, acho que era o primeiro ano da transição e é um momento que a gente tá muito empolgado né, a gente começa a ver as mudanças

e tal e a gente fica muito empolgado com isso. E... e aí assim a gente quer se envolver na militância, a gente acaba querendo se envolver no ativismo assim de alguma forma. E eu enxergava assim, que uma forma de contribuir né com a causa e tal era assim, participar dos questionários, participar dos estudos que demonstrassem interesse em entrevistar e fazer perguntas pra poder ajudar as outras pessoas né, pra poder assim, ser assim uma referência também né, de como tava sendo o processo pra mim e tal. E isso foi uma oportunidade de conversar com a Érica, uma oportunidade de talvez trazer essa experiência para outras pessoas né.

**Daniela:** Na Antropologia, a gente precisa encontrar um lugar para gente ocupar, fisicamente mesmo, durante a pesquisa de campo. Érica, você logo percebeu diferentes lugares estratégicos ali no Centro de Referências, né: a roda com as discussões coletivas; oportunidades de entrevistar algumas pessoas fora dali; e outras situações quando você tinha a chance de conversar individualmente com as pessoas. Fala um pouquinho pra gente como que era isso.

**Érica:** Como eu falei, a gente tinha então né, esse momento que era sempre coletivo, com lanche, posteriormente né, sempre terminava com lanche onde a gente podia ainda continuar uma socialização. E eu acho que nesse lanche, pelo menos eu como pesquisadora, é onde eu sentia um pouco mais de proximidade com as pessoas em que elas né, é... chegavam até mim pra me perguntar exatamente do que que era a pesquisa, isso acontecia durante a reunião, mas era um pouco mais, eu não sei nem se é formal, porque era uma reunião né, solta, vamos dizer assim, não tinha nada de formalidade nesse sentido, mas talvez havia um certo constrangimento das pessoas no meio da reunião, ali no espaço, numa roda, olhar pra mim e perguntar “o que que você tá fazendo aqui?”, né.

**Soraya:** Em geral, você nos contou que encontrou muita resistência das pessoas trans para aceitarem te dar uma entrevista pessoalmente. Numa etapa anterior dessa sua pesquisa, uma estratégia metodológica foi tentar, é... fazer conversas através da internet. Algumas pessoas até aceitaram isso, pelo que você nos contou, mas contanto que fosse só pela internet mesmo. O Centro de Referência apareceu como uma forma de conhecer mais gente. Aí você conheceu o Marcel, um dos poucos que topou te receber na casa dele. Como é que foi essa visita?

**Érica:** O Marcel mora em Barão Geraldo né, que é aqui muito próximo da Unicamp, que é uma região bastante familiar para mim, que estudei por muitos anos aqui também. Então isso foi algo também acolhedor, tranquilo nesse sentido né, de tá em casa, aquela sensação de pesquisador que tá em casa (risos). E... e aí a casa do Marcel né, era muito gostosa e acolhedora também né, tipo me lembra uma chácara, a imagem que eu tenho assim são árvores né, natureza, tranquilidade, é, de simplicidade também, e eu me lembro que a gente fez a entrevista na sala né, e em algum momento da entrevista, a irmã dele também chegou, passou por lá e posteriormente eu também acabei conversando, fazendo uma entrevista com ela, mas... o pai do Marcel também chegou mais ao final, a gente já tava praticamente terminando. É, e a entrevista se deu naquela sala mesmo, né, acho que a gente tava, eu estava bem confortável né, assim, do ponto de vista emocional inclusive, e a gente teve uma conversa bem solta, muito boa, a entrevista foi gravada e eu ouvi né, recentemente, ouvi de novo a entrevista e percebi realmente o quanto eu estava à vontade ali enquanto pesquisadora, enquanto o Marcel tava a vontade pra contar a história dele.

**Daniela:** Então, esse encontro foi muito especial para você, uma pessoa cis, conseguir conhecer um pouco mais de um processo que você não viveu, um processo que as pessoas trans vivem, cada uma à sua maneira.

**Érica:** Tem algo que eu queria chamar atenção né, que eu fiquei pensando, eu falei “gente, o Marcel teve muita paciência comigo” porque, é... eu fazia umas perguntas, aquelas perguntas de início de pesquisa que hoje a gente olha e fala “nossa, eu não perguntaria isso jamais hoje, né” [risos do Marcel] e quando eu falo que eu aprendi muito com o Marcel, entre outras coisas foi isso, né, não só com o vocabulário, terminologia, e ver outra experiência de vida e tal, é... mas pensar também pensando na forma como que ele reagiu, né, as minhas perguntas que eram perguntas leigas né, de pessoa cis, que

embora pesquisadoras, leigas sobre a experiência da transexualidade desse processo todo e que ele é, pôde, soube né, com muita sensibilidade me conduzir, né, pra eu que compreendesse melhor os caminhos que ele tinha tomado, enfim, os processos pelos quais ele tinha passado numa forma diferente daquela que eu tava imaginando e prevendo quando eu cheguei com meu roteiro de pesquisa.

**Marcel:** Tem uma discussão meio polêmica, inclusive rolou uma polêmica no Centro de Referência LGBT, assim, eu prefiro usar esses termos, cis e trans, porque pra mim eles são, assim, são didáticos né. Mas tem muita gente que usa o termo homem biológico, mulher biológica pra se referir à pessoa cis. E isso já deu muita discussão já, já deu muito pano pra manga assim, então eu prefiro não usar esses termos porque eu acho ele pouco, pode assim soar desrespeitoso pra muita gente né, você se referir a uma pessoa cis como uma pessoa, uma mulher biológica, o homem biológico, aí a pessoa trans é o que né, no caso? Androide? [risos].

## FECHAMENTO

Música de fechamento: “Quem canta” de Danú e Tatá, começando com voz e depois ficando com instrumental ao final. Trecho da letra:

“Quem canta um canto aumenta um ponto  
Ou corta um tanto e faz um conto  
Quem conta ou canta aponta um ponto  
O ponto onde pisa o pé”

**Daniela:** Esse foi o nosso terceiro episódio do Mundaréu, um podcast para contar histórias de pesquisa, histórias de Antropologia. Érica e Marcel nos mostraram as delicadezas e dificuldades dos processos de transição de gênero, e também as sutilezas de lidar com esse tema de pesquisa. [Aqui, fade out e fim da música]

**Soraya:** Aprendi sobre as estratégias que a Érica adotou para começar a pesquisa, chegando como observadora nas reuniões do Centro; passando a uma pesquisadora presente e disponível para a escuta ali naquela horinha final do lanche; e depois à entrevistadora. Bacana também notar que o roteiro de perguntas que a gente leva para as entrevistas, ele amadurece com a participação ativa de nossas interlocutoras, que vão nos ajudando a passar de leigas a pessoas que entendem daquele tema. O roteiro não está totalmente pronto antes da gente chegar ao campo. E se esse roteiro mudar ao longo da pesquisa, isso não é um problema para Antropologia. Ao contrário, será um bom sinal, sinal de que estamos aprendendo efetivamente com as nossas interlocutoras.

**Daniela:** E podemos pensar que todos aprendem uns com os outros: Érica era leiga nos processos de transexualidade; Marcel não conhecia sobre as pesquisas em Antropologia. E ambos se apoiaram mutuamente nesses aprendizados que são éticos e políticos, mas são também metodológicos, são sobre [ênfase] como fazer uma pesquisa antropológica e como atuar na militância. Assim, eles vão confiando cada vez mais um no outro, vão tendo paciência de um entender as demandas do outro. É daí que nasce a relação, que surge a possibilidade de um diálogo antropológico.

**Soraya:** Outra questão interessante é que, por um lado, a Érica logo percebeu que não poderia fazer pesquisa com pessoas trans sem se questionar sobre sua posição enquanto mulher, pesquisadora e antropóloga cis. Por outro lado, o Marcel mostrou a importância da pesquisa para ajudar a tornar mais visíveis as experiências e demandas das pessoas trans. Isso tudo pode ajudar muito a desenhar melhores políticas públicas para essa população.

**Daniela:** Esse episódio me ensinou muito sobre as palavras. As palavras que especialmente chamamos na Antropologia de “categorias nativas”, que são as formas como as pessoas se referem ao seu mundo. Como os nossos termos de pesquisa são usados de modo provisório e que são consolidados à medida em que vamos aprendendo com as pessoas com quem fazemos pesquisa, nós aprendemos com elas os termos mais apropriados, corretos e respeitosos. Marcel ensinou muito sobre isso tudo à Érica e ela nos mostrou como a pesquisa foi sendo sacudida das suas verdades iniciais e, ao mesmo tempo, amadurecida em termos analíticos.

**Soraya:** E, Dani, faz toda a diferença passar do termo “mulher biológica” para “mulher cis”. E isso fica muito claro quando Marcel nos provocou, lá no finalzinho, a pensar no contraste grosseiro que resulta se a gente continuar a usar os dois termos “mulher biológica” e “androide”, por exemplo.

**Daniela:** É essa ideia do androide é interessante porque leva a gente a pensar nesse humano tecnológico, né, numa mistura de máquina e corpo, de corpo ciborgue. O processo de transição envolve todo um aparato de tecnologias, de cirurgias, de medicamentos que ajudam a construir esse corpo trans. Mas o que os estudos de gênero mostram é que os corpos cis também são perpassados por uma série de artifícios. Um corpo de mulher cis é construído assim como um corpo de homens trans. A gente corta o cabelo, desenha as feições do rosto, afina sobancelha, tira, pinta, colore pêlos, se veste de um modo que marca o corpo como mais ou menos feminino, mais ou menos masculino. Ou seja, todos os corpos são constituídos tecnicamente. Esse tema atualiza uma discussão muito clássica na Antropologia.

**Soraya:** É mesmo, Dani? Por quê?

**Daniela:** Porque por muito tempo, a Antropologia pensava por meio de uma oposição entre natureza e cultura. E em um certo momento, começamos a perceber o limite dessa oposição. Nesse exemplo de hoje, a gente viu que não dá mais para só a Antropologia pensando nos aspectos culturais, sociais e políticos, e as áreas da saúde, como a Medicina ou a Biologia por exemplo, ficando responsáveis por pensar a natureza, o corpo, a saúde. Nessa divisão tradicional, é como se “sexo” fosse essa dimensão natural do corpo que é dada, que é universal, que é intransponível, e o gênero estivesse desse lado de uma construção que é social, cultural, psicológica, que pode variar.

**Soraya:** As experiências trans mostram o quanto essas oposições não dão conta de explicar o que nós todas somos, como seres humanos. Nós somos ao mesmo tempo todas essas coisas, corpos “biológicos” que se constituem a partir de vários artifícios. Não tem biologia na técnica? Não tem técnica na biologia? É justamente disso que o Marcel fala [Aqui, a música “Quem Canta” volta a tocar ao fundo e acompanha até o final do episódio] quando lá no final ele tava ironizando, né, opondo a mulher biológica a um androide.

**Daniela:** Gostaríamos de agradecer, em primeiro lugar, ao Marcel e a Érica, ele vive aqui e ela está em Campinas esse ano em uma licença de pós-doutorado. Na Rádio da Unicamp, temos o apoio do Octávio Silva e do Jeverson Barbieri. Do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o LABJOR da Unicamp, com Simone Pallone. Do podcast *37 graus*, com Bia Guimarães e Sarah Azoubel. A equipe do Mundaréu é composta por nós duas, Daniela e Soraya, pelo Vinicius Fonseca e a Julia Couto, estudantes de Ciências Sociais e bolsistas de Iniciação Científica da Unicamp e da UnB.

**Soraya:** O Mundaréu recebe apoio e recursos do CNPq, do Serviço de Apoio ao Estudante e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unicamp. Quem quiser conhecer mais o trabalho da Érica e do Centro de Referência LGBT de Campinas ou mesmo ver fotos do dia da gravação, vá até nossa página na internet: [mundareu.labjor.unicamp.br](http://mundareu.labjor.unicamp.br). Agradecemos pela atenção e nos encontramos no próximo episódio.

**Daniela:** Até lá!

### **EXPEDIENTE**

Apresentação: Daniela Manica e Soraya Fleischer.

Produção: Daniela Manica, Soraya Fleischer, Julia Couto e Vinicius Ferreira.

Gravação: Octávio Augusto, Rádio da Unicamp.

Transcrição das entrevistas: Julia Couto.

Montagem e edição do roteiro: Soraya Fleischer e Daniela Manica.

Montagem e edição do episódio: Vinicius Fonseca e Daniela Manica.

Divulgação: Milena Peres e Julia Couto

Transcrição e audiodescrição do episódio3: Melissa Bevilaqua

Músicas:

“Flutua” de Johnny Hooker com participação especial de Liniker:  
<https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvVtI>

“Dwarf Star” de Freedom Trail Studio: <https://www.youtube.com/watch?v=8RYKFxzTiOI>

“Quem Canta” de Danú e Tatá: <http://www.oleve.com.br/quem-canta/>

**Agradecimentos:** Rafaela Bispo, Julia Morim, Paula Viana, Erica Colaço e Sarah Azoubel.

### **MAIS INFORMAÇÕES**

- Currículo Lattes da Érica disponível no link: <http://lattes.cnpq.br/2180923030669698>
- Relatório do Projeto “Transexualidades e saúde pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans”: <http://www.nuhufmg.com.br/homens-trans-relatorio2.pdf>
- Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas (FAFICH/UFMG): <http://www.fafich.ufmg.br/nuh/2016/12/28/nuh-divulga-estudo-sobre-politicas-publicas-focado-em-homens-transexuais/>
- Centro de Referências LGBT de Campinas - SP: <https://www.facebook.com/CrCgbtCampinas>